

# FRONTEIRAS EM MOVIMENTO

MARCELO PESSOA (Org.)

os desafios da ciência  
na era digital



Pós-doutorado em Divulgação Científica pela USP – Universidade de São Paulo. Orientador na Pós-Graduação UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais / FaPP – Faculdade de Políticas Públicas Tancredo Neves. Docente e Orientador de Graduação, Iniciação Científica e Extensão / UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutor em Letras pela UEL – Universidade Estadual de Londrina.



O FATO, É QUE AS PUBLICAÇÕES ORIUNDAS DA LINHA EDITORIAL AREDIA, SÃO CONTROVERSAS, UMA VEZ QUE ORIENTA NOSSA EQUIPE O DESEJO DE REUNIR TEXTOS QUE TRATEM DOS ASPECTOS CONTRADITÓRIOS HUMANOS, SOCIAIS E CULTURAIS QUE CONSTITUAM NOSSA CIVILIZAÇÃO, ACENANDO PARA UM TERRITÓRIO DE REFLEXÕES E DE FRONTEIRAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS, À LUZ DO RIGOR CIENTÍFICO STRICTO SENSU, PORÉM, SEMPRE MÓVEIS E AJUSTÁVEIS.



Marcelo Pessoa (Org.)

Fronteiras em movimento –  
os desafios da ciência na era digital

AKEDIA Books / Amazon  
2020

**Revisão Linguística**

Dr. Marcelo Pessoa

**Direção de Diagramação e Arte**

Equipe Editorial AKEDIA Books & Journal

**Marketing**

Ariane Moraes

**Informata**

Paulo Henrique Pedro

**Capa**

Banco de dados Amazon / KDP

**Responsável pela Editoração**

Prof. Dr. Marcelo Pessoa

**Editor Corporativo**

AKEDIA Books & MPEducacional

**Outros títulos publicados pelo do Grupo SIC, Marcelo Pessoa, AKEDIA Books & MPEducacional (In: [revistaakedia.com.br](http://revistaakedia.com.br))**

1. **Nas Gerais da Cultura** – temas e práticas de redação jornalística / Área-Mãe das Letras – Linguística Textual: ISBN 9788590986102, 2009
2. **Linguagens, Sistemas & Sociedade** / Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986119, 2013
3. **Publicações do Grupo de Pesquisa Sociedade, Imagens e Cultura (SIC)** / Área-Mãe da Divulgação Científica: ISBN 9788567463827, 2015
4. **Romance Digital** / Área-Mãe das Letras – Literatura: ISBN 9788590986140, 2017
5. **Divulgação Científica Universitária I** / Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN - 9788590986133, 2017 – 1º semestre
6. **Divulgação Científica Universitária II** / Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN - 9788590986126, 2017 – 2º semestre
7. **Divulgação Científica Universitária III** / Área-Mãe da Produção e Difusão do Conhecimento: ISBN 9788590986157, 2019
8. **A Crônica-Canção de Caetano Veloso** / Área-Mãe das Letras – Crítica Literária: ISBN 9781655813313, 2020

**Conselho Consultivo – Selo Editorial Marcelo Pessoa / AKEDIA Books**

**Dr. Carlos Eduardo Falavigna da Rocha** (USP – Universidade do Estado de São Paulo). Instituto de Biociências – Depto. de Zoologia, Cidade Universitária  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0940432323590880>

**Dr. Fábio Akcelrud Durão** (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Depto. Teoria Literária, Cidade Universitária Zeferino Vaz) Currículo: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/88713/fabio-akcelrud-durao/>

**Dr. Dionísio Vila Maior** (UAL – Universidade Aberta – Lisboa, Portugal)  
Currículo: <https://www2.uab.pt/departamentos/DH/detaildocente.php?doc=38>

**Dra. Susanna Busato** (UNESP – Universidade Estadual Paulista, Ibilce)  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6152020642730749>

**Dr. Isaar Soares de Carvalho** (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal)  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5170432437971562>

**Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes** (UEL – Universidade Estadual de Londrina) Currículo: <https://scholar.google.com.br/citations?user=mxLDTXIAAAAJ&hl=en>

**Dr. Rodrigo Ney Millan** (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal)  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4521089561104903>

**Dr. Andrés Alberto Donoso Romo** (UPLA – Universidad de Playa Ancha, Chile)  
Currículo: <https://orcid.org/0000-0001-9712-877X>

**Dr. Marcelo Pessoa** (UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal)  
Currículo: <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

**Dr. Jorge Pedro Sousa** (Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal)  
Currículo: <http://jorgepedrosousa.ufp.edu.pt/jorge-pedro-sousa---curriculo>

**Dr. Eder Ângelo Milani** (UFGO – Universidade Federal de Goiás – Campus Samambaia)  
Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1420630122459706>

**P 472d CDD B658 CDU 3 - 331- 49**  
**ISBN 9781656124340**  
**PESSOA, Marcelo (Org.)**  
**AKEDIA Books & MPEducacional**  
**São José do Rio Preto – SP**  
**Selo editorial: Independently published**  
**AMAZON, KDP, 2020**

## **SUMÁRIO**

Platão

**PREFÁCIO – APOLOGIA DE SÓCRATES ..... 05**

Marcelo Pessoa

**LITERACIA PARA UMA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA DE X A Z ..... 07**

Marcelo Pessoa

**PRODUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO ..... 20**

## PREFÁCIO – APOLOGIA DE SÓCRATES

Neste prefácio da obra **Fronteiras em Movimento – desafios da ciência na era digital**, a equipe Editorial AKEDIA Books recupera dos porões da história, parte do discurso da defesa que o filósofo Sócrates (469 a.C a 399 a.C) proferiu diante da sociedade ateniense e de seus algozes. Ainda livre, Sócrates pronunciou estes enunciados, para tentar se livrar de tomar cicuta (veneno extraído da planta *Conium Maculatum*) em função das acusações que pesavam sobre si. Teria sido mesmo culpado, Sócrates, incriminado de corromper os jovens com seus ensinamentos e por não acreditar nos deuses venerados em sua época?

Por que, nos dias de hoje, aqueles que ainda tentam fazer as mesmas coisas que o antigo filósofo fizera, padecem de todo tipo de pressão existencial e se veem obrigados a destilar em sua própria mente e corpo todo tipo de veneno sociocultural?

Talvez, munido desta dúvida, segundo lembra Sócrates, você também, leitor, se diga, eu caminhei: “fui a um daqueles detentores da sabedoria, com a intenção de refutar, por meio dele, sem dúvida, o oráculo, e, com tais provas, opor-lhe a minha resposta: Este é mais sábio que eu, enquanto tu dizias que eu sou o mais sábio. Examinando esse tal: – não importa o nome, mas era, cidadãos atenienses, um dos políticos, este de quem eu experimentava essa impressão. – E falando com ele, afigurou-se-me que esse homem parecia sábio a muitos outros e principalmente a si mesmo, mas não era sábio.

Procurei demonstrar-lhe que ele parecia sábio sem o ser. Daí me veio o ódio dele e de muitos dos presentes. Então, pus-me a considerar, de mim para mim, que eu sou mais sábio do que esse homem, pois que, ao contrário, nenhum de nós sabe nada de belo e bom, mas aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber. Parece, pois, que eu seja mais sábio do que ele, nisso – ainda que seja pouca coisa: não acredito saber aquilo que não sei. Depois desse, fui a outro daqueles que possuem ainda mais sabedoria que esse, e me pareceu que todos são a mesma coisa. Daí veio o ódio também deste e de muitos outros.

Depois prossegui sem mais me deter, embora vendo, amargurado e temeroso, que estava incorrendo em ódio; mas também me parecia dever fazer mais caso da resposta do deus. Para procurar, pois o que queria dizer o oráculo, eu devia ir a todos aqueles que diziam saber qualquer coisa. E, então, cidadãos atenienses, já que é preciso dizer a verdade, me aconteceu o seguinte: procurando segundo o dedo do deus, pareceu-me que os mais estimados eram quase privados do melhor, e que, ao



contrário, os outros, reputados ineptos, eram homens mais capazes quanto à sabedoria.

Ora, é preciso que eu vos descreva os meus passos, como de quem se cansava para que o oráculo se tornasse acessível a mim. Depois dos políticos, fui aos poetas trágicos, e, dos ditirâmbicos fui aos outros, convencido de que, entre esses, eu seria de fato apanhado como mais ignorante do que eles. Tomando, pois, os seus poemas, dentre os que me pareciam os mais bem feitos, eu lhes perguntava o que queriam dizer, para aprender também alguma coisa com eles.

Agora, ó cidadãos, eu me envergonho de vos dizer a verdade; mas também devo manifestá-la. Pois que estou para afirmar que todos os presentes teriam discorrido sobre tais versos quase melhor do que aqueles que os haviam feito. Em poucas palavras direi ainda, em relação aos trágicos, que não faziam por sabedoria aquilo que faziam, mas por certa natural inclinação, e intuição, assim como os adivinhos e os vates; e em verdade, embora digam muitas e belas coisas, não sabem nada daquilo que dizem.

O mesmo me parece acontecer com os outros poetas; e também me recordo de que eles, por causa das suas poesias, acreditavam-se homens sapientíssimos ainda em outras coisas, nas quais não eram. Por essa razão, pois, andei pensando que, nisso eu os superava, pela mesma razão que superava os políticos.

Por fim, também fui aos artífices, porque estava persuadido de que por assim dizer nada sabiam, e, ao contrário, tenho que dizer que os achei instruídos em muitas e belas coisas. Em verdade, nisso me enganei: eles, de fato, sabiam aquilo que eu não sabia e eram muito mais sábios do que eu.

Mas, cidadãos atenienses, parece-me que também os artífices tinham o mesmo defeito dos poetas: pelo fato de exercitar bem a própria arte, cada um pretendia ser sapientíssimo também nas outras coisas de maior importância, e esse erro obscurecia o seu saber.

Assim, eu ia interrogando a mim mesmo, a respeito do que disse o oráculo, se devia mesmo permanecer como sou, nem sábio da sua sabedoria, nem ignorante da sua ignorância, ou ter ambas as coisas, como eles o tem. Em verdade, respondo a mim e ao oráculo que me convém ficar como sou.



## LITERACIA PARA UMA EDUCAÇÃO MUDIÁTICA DE X A Z

[doi> 10.33726/amazonmpeakediachapter9781656124340v1a2020p07-19](https://doi.org/10.33726/amazonmpeakediachapter9781656124340v1a2020p07-19)

PESSOA, Marcelo<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

**RESUMO:** Neste texto de revisão, nosso objetivo é o de apresentar ao leitor um panorama sociocultural, em que o entrelace teórico de questões midiáticas e educacionais protagonizem o mesmo cenário. Aplicando o método da revisão bibliográfica em acervos físicos e digitais, esta proposta de estudo se justifica, na medida em que os avanços tecnológicos geralmente são mais ligeiros do que a produção científica consegue registrar quanto aos seus progressos e retrocessos, o que, per se, já sugere uma contínua visitação aos postulados e estados da arte de um tema tão volátil. Como resultados desta investigação, nos foi possível detectar que a educação, em sua atual interface com plataformas tecnológicas, tem sido alvo de muitos trabalhos de pesquisa, o que, por um lado, nos tranquiliza, mas, por outro lado, nos inquieta. Daí, então, surgiram duas situações-problema: se nos acalma, seria em função de que muitos têm observado os fatos contemporâneos? E, se nos instiga, seria em função do assombro que se insurge ao redor de temáticas tão férteis como a nossa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, mídias, literacia

**ABSTRACT:** In this review text, our objective is to present the reader with a sociocultural panorama, in which the theoretical intertwining of media and educational issues play the same scenario. Applying the method of bibliographic review in physical and digital collections, this study proposal is justified, as technological advances are generally lighter than scientific production can register their progress and setbacks, which, per se, It already suggests a continuous visitation to the postulates and state of the art of such a volatile theme. As a result of this investigation, we were able to detect that education, in its current interface with technological platforms, has been the target of many research works, which, on the one hand, reassures us, but on the other hand, worries us. Then two problem situations arose: if it calms us down, is it because many have been observing contemporary facts? And, if it provokes us, it would be due to the amazement that arises around such fertile themes as ours.

**KEYWORDS:** Education, media, literacy

---

<sup>1</sup> Docente UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal. Departamento de Linguística, Letras, Comunicação e Artes – DLLCA.

## INTRODUÇÃO

Desde que os deuses sumérios desceram à Terra (aproximadamente em 5.400 a.C.), na primeira cidade do mundo, denominada Eridu (atual Tel Abu Xarém, no sul da Mesopotâmia, Iraque), muito tempo se passou e muitas transformações técnicas aconteceram na atividade da urbe. Assim, os novos saberes oriundos de todas as áreas do conhecimento têm sido objeto de interesse da pesquisa acadêmica, uma vez que a ciência veiculada em regime ininterrupto colabora para a construção de uma literacia social e digital mais consistente.

Desde a Paidea grega ao ensino EaD do século XX e, igualmente, neste início de século XXI, foi e tem sido muito comum surgirem investigações sobre o papel mais ou menos educativo ou socialmente útil de algumas mídias, fossem elas analógicas, eletrônicas ou mesmo digitais (GOFFMAN *et* JOY, 2007).

A partir da Geração X (que compreende os nascidos entre os anos de 1960 e 1980), o alvo principal dos debates talvez tenha sido a programação da televisão e as suas propostas culturais *kitsch* (SODRÉ, 1990), transmitidas por um tipo de aparelho, cuja origem remonta ao ano de 1923, com o iconoscópio do russo Vladimir Zworykin.

Contudo, as grandes paixões pró e contra nesta seara foram catalisadas pelo cinema. Chamada de “A Sétima Arte”, o cinema é invenção de 1889, atribuída a William Dickson, ou a León Bouly, em 1892, e o seu cinetoscópio, ou aos irmãos Lumière, com seu cinematógrafo, de 1895, em que a imagem em movimento reunida à sonorização das falas, de fato, representou um grande salto em relação à imagem e programação da televisão, bem como para a compreensão do que hoje chamamos de comunicação eletrônica / digital, e, até mesmo, de mídias ou redes sociais (GOSCIOLA, 2003).

Por sua vez, o rádio – aparato que, numa espécie de junção entre telégrafo elétrico, a radiação eletromagnética e o telefone com fio, fora patenteado por Guillermo Marconi, em 1901, ainda que se reserve ao padre Roberto Landell de Moura, uma provável autoria anterior à de Marconi, no ano de 1900, o rádio se faz entender aqui como uma espécie de ancestral de repositórios digitais de músicas e notícias, como o spotify, o youtube e outros tantos aplicativos de podcasts (SANTAELLA, 2005)

O jornal impresso, na condição de mídia social, também não ficou fora desse bombardeio crítico. Plataforma de comunicação cuja história oficial o faz remontar ao jornal do alemão Johann Carolus (Estrasburgo, 1605), intitulado “Relation aller Fürnemmen und gedenckwürdigen Historien”, é veículo midiático que tem uma ancestralidade ainda mais antiga. É assim que em sua genealogia nos deparamos com um jornal do final da Dinastia Ming (1582), na China, ou ainda mais anterior a este, com a “Acta Diurna” romana, da época do General Júlio César (69 a. C.) (BROOK, 1998).

Como o tempo, outras mídias emergentes tiveram seu protagonismo no roteiro das profecias que prediziam a sua extinção. Desse tipo de críticas já estiveram o telégrafo, o telefone, o *pager*, o videogame, o livro, o disco de vinil.

No âmbito de abrangência das chamadas “novas gerações” – representados pelos Y (nascidos entre 1980-1995) e Z (nascidos entre 1995-2010) –, nada se compara em quantidade e em densidade, com o que tem ocorrido com a internet. As críticas recentemente têm avançado ainda mais rápido na direção do desenvolvimento da Inteligência Artificial. A partir da capilarização do uso dos robôs, têm-se dado a todos a ideia de que os seres humanos estão cada vez mais dispensáveis (sejam eles X, Y, Z, e também aos que vieram antes e aos que estão por vir, indistintamente).

Paralelamente, convivemos com os assombros do controle populacional e de uma inevitável extinção em massa. Vivemos com os fantasmas de novas Guerras Frias, em que ditadores da Ásia, da Europa e das Américas encenam

discórdias e ameaças. Flertamos com a retrógrada tendência 996 (circunstância em que os trabalhadores têm que trabalhar das 09h às 21h, seis dias por semana). Fazemo-nos ansiosos pela chegada da internet das coisas e do tráfego de dados em velocidade 5G, que sugerem a implantação de uma conexão de internet via cérebro, fatos estes que deixam no ar o incômodo pensamento de que ninguém mais terá o direito à privacidade respeitado e que nenhuma pessoa mais poderá exercer livremente a autonomia da própria vontade.

Todas estas questões, em suma, têm sido o alvo da vez, fazendo parecer ingênuas e infantis as críticas outrora feitas à televisão, ao rádio, ao jornal, ao livro.

Esse desconforto tecnológico pós-moderno não é culpa dos sumérios. Pode-se dizer, que tem início a partir da junção do “Defense Advanced Research Projects Agency” (o Darpa), com o “Advanced Research Projects Agency”, nos anos de 1970. Assim, a recém-denominada ARPANET se disseminou e, 1991, com a criação da WWW (World Wide Web), ou, simplesmente, a internet, o mundo conheceu o tráfego de informações e de dados numa quantidade e velocidade tal, que desde então, o espanto tem se misturado com altos teores de dúvida, medo (WOLTON, 2003).

E estes são territórios psíquicos donde se têm permitido tecer críticas mais ásperas sobre a natureza dos valores sociais, culturais e educativos das mídias, donde se põem em cheque a criação de um mundo novo, de um novo mercado de trabalho em que não se vê mais gente trabalhando, onde se veem apenas máquinas agindo como se fossem humanos, e humanos tentando copiar as performances das máquinas que eles próprios construíram (RÜDIGER, 2008).

E, é por estas e outras razões, que é necessária a abordagem da questão na qual se busca entender o verdadeiro sentido da presença da tecnologia na sociedade contemporânea. Este estudo, portanto, perpassa pelo significado de uma “rede social” que precisa ser mais bem



compreendida. As criações humanas que há tempos têm colocado cada vez mais máquinas em contato com máquinas têm mantido os seres humanos cada vez mais distantes entre si (ALVES, 1988).

Especialmente quando vivemos em plena expansão das chamadas teias de relacionamento virtual, da utilização de novos aplicativos e da expansão do número de usuários dos sistemas digitais, é curioso ver que o modo com que essas novas redes de comunicação contribuem ou não para que construamos uma sociedade melhor é, sem dúvida, controverso.

É contraditório, por que, até antes de elas existirem, o quociente de inteligência (QI) era uma medida confiável para a aferição da competência humana. Nesta era, em que já se tem falado em como seria um momento “pós internet”, o QI tem sido substituído pela ideia de “capacidade de adaptação”, em que a competência mais relevante não é mais o domínio e compreensão da tecnologia ou da construção do conhecimento por meio de ferramentas tecnológicas.

Competência, agora, é expressão que se reduz à capacidade de o sujeito se ajustar o quanto mais rápido possível à utilização de um dado sistema, o que não demanda grande inteligência, mas apenas treinamento repetitivo para a execução das operações.

A Revista *Super Interessante* (de 04/07/2018) revela que desde 1949, moscas, cães, gatos, aranhas já foram enviados ao espaço, tanto por Russos como por norte-americanos. Contudo, o procedimento mais bem sucedido foi feito, em 31/01/1961, no Hollomans' Aero Medical, nos EUA. Neste laboratório, treinaram o macaco Ham (o nome é sigla do laboratório onde foi treinado) para pilotar a espaçonave “Mercury Redstone”. Ou seja, a mais avançada literacia midiática do século XXI é capaz de exigir de um humano a mesma aprendizagem que se poderia requerer de um macaco no século XX, e vice-versa, não causando danos intelectuais nem aos humanos e nem aos macacos.

Paralelamente e paradoxalmente, o grande produto que as redes sociais ofereceram em seu início aos utentes foi justamente a ideia de aumentar a sensação de proximidade entre as pessoas. É fato que entre essa promessa e a realidade existe hoje um grande abismo povoado cada vez mais pela insatisfação, pela solidão e pela depressão (sintomas típicos experienciados particularmente pela Geração Z – reconhecida como sendo a primeira geração de humanos a nascer na plenitude da sociedade digital, entre os anos de 1995 e 2010).

É provável que tais sintomas se deem em função de que a linguagem das novas mídias sociais emitam o significado implícito de que no meio da multidão, o sujeito desapareça. Isto é, vivendo nas grandes metrópoles, o ser humano se transforma em ninguém, e, assim, se encontra com a sua enorme irrelevância existencial (MANOVICH, 2001).

## DISCUSSÃO

Sob uma ótica ampliada de Humanismo<sup>2</sup>, não nos é difícil perceber como o sujeito pós-moderno vem violando os antigos paradigmas que moldavam seus modos de ser e estar no mundo tentando superá-los por meio das pontes tecnológicas que ele mesmo instituíra. Esforço de transcendência, aliás, derivado da lógica que emana de um como a própria construção do conhecimento na história da humanidade tem se dado, desde a antiquíssima Iridu até o moderníssimo EaD, edificação do saber humano a qual, embora corrente, não podemos deixar de lembrar:

---

<sup>2</sup> Embora haja em curso ao menos duas acepções de Humanismo que concorrem entre si (designa-se com esse nome o movimento literário e filosófico que nasceu na Itália no século XIV e, também, qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os limites e interesses do homem), utilizaremos o que se expressa a seguir, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que nos fala das eventuais limitações humanas (ponto forte da segunda acepção), abre-nos a possibilidade de se rever os estatutos basilares do pensamento humano (a pedra de toque da primeira ideia, a qual aqui rejeitamos). Assim, “Em sentido mais geral, pode-se entender por Humanismo qualquer tendência filosófica que leve em consideração as possibilidades e, portanto, as limitações do homem, e que, com base nisso, redimensione os problemas filosóficos” (ABBAGNANO, 2003, p. 519).

O conhecimento construído não pode ser fechado, nem acabado, porque nós, como seres humanos, estamos sempre em desenvolvimento. Os resultados desse processo de construção do conhecimento, portanto, podem ser, para outros homens, apenas orientações (= heurísticas) e não produtos acabados. Isso traz consequências fundamentais para o processo de globalização que está acontecendo nos dias atuais: não apenas um homem, nem certos grupos de homens, não apenas uma nação, nem certos grupos de nações podem pressionar outros homens em função dos sistemas por eles produzidos (VALGENBACH, 2002, p. 43).

Investigar, entender e anular as contradições históricas que dão vigor às velhas dicotomias que até meados do século XX nos explicavam (arcaico x moderno, 1º x 3º mundo, classes A, B, C x corrupção política, Igreja x Estado, colônia x metrópole) ainda constitui-se, ao lado da revisão dos fundamentos teóricos da ciência (ARNS, 1985), tarefa urgente a ser cumprida pelo sujeito histórico contemporâneo, devendo ser organizada e sistematizada pelas diversas ciências, em enfoques disciplinares, multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares (HISSA, 2008).

Vivemos massivamente sob uma representação literária, novelística, cultural ficcional e digital que persistem em bombardear-nos com temas como a relação entre o velho e o novo<sup>3</sup>. Os conceitos de 1º e de 3º mundo, apesar de esquecidos e de o Brasil oscilar entre a 7ª e nona economia do planeta ainda estão presentes nas relações internacionais recentes mantidas pelo nosso país<sup>4</sup>, as quais expressam parte do que é o problema socioambiental.

---

<sup>3</sup> Entretanto, a literatura que antes falara para as massas, agora, na época das massas de uma sociedade planetária, globalizada e neoliberal é recebida apenas pela elite intelectual e pelos computadores. Este é um dos problemas atuais (SAMUEL, 2007, p. 98).

<sup>4</sup> A barreira ao etanol brasileiro é apenas mais um caso. O protecionismo dos países ricos (e também dos EUA) é assunto que ganhou relevância nos últimos anos, com a onda de liberalização dos mercados nacionais. Em reuniões da Organização Mundial do Comércio (OMC), especialmente a chamada Rodada de Doha, o protecionismo dos ricos aplicado aos produtos agrícolas finalmente ganhou atenção. Até agora, no entanto, os resultados concretos são tímidos. Em razão das barreiras protecionistas, calcula-se que o Brasil perca cerca de 17 bilhões de dólares por ano, a maior parte na venda de artigos de origem agrícola. Há estudos indicando que, de cada dez produtos brasileiros que entram no mercado americano, seis sofrem algum tipo de restrição ([http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/relacoes\\_brasil\\_eua/contexto3.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/relacoes_brasil_eua/contexto3.html), acesso em 04/02/2012, às 16h51min.).

A Igreja ainda não desistiu de ser Estado<sup>5</sup>. As grandes metrópoles caíram ou caem em desgraça financeira em regime de fluxo contínuo<sup>6</sup>, mas a colônia não perdeu a memória cultural de sua condição histórica<sup>7</sup> e, se antes, dávamos nossos minérios em troca de espelhos, hoje vendemos matéria prima em troca de *fastfood*, de multinacionais que comprometem seriamente o *modus vivendi* no campo como a Monsanto e a Syngenta e de redes internacionais de relacionamento via internet<sup>8</sup>.

As sementes viraram propriedade de uma empresa, os alimentos estão sendo racionados e a água é o novo petróleo e o nióbio é o novo ouro – ao menos, é o que têm pensados os estrategistas do governo brasileiro em 2019 (BHABHA, 1998).

Em meio a tudo isso, as novas tecnologias que surgem na sociedade, mas, especialmente a partir da década de 50 do século XX, envolveram o homem num turbilhão de necessidades de atualização constante de seu corpo, de seu próprio *software*, de seu próprio *hardware* ou de ambos – o homem tem buscado urgentemente um novo aplicativo para o seu cérebro –

---

<sup>5</sup> A Revolução Francesa é o marco divisor. Preparada pela época anterior, levou a humanidade a uma espécie de *estaca zero*. Começam as diversas correntes de construção, mas também de divisão da humanidade. Diríamos até de exploração do povo simples, pelo liberalismo, socialismo, marxismo e comunismo. Provocam eles novo tipo de crença no progresso. Sem Deus e sem a Igreja. As massas populares sentem-se abandonadas e deixam a Igreja. [...] Nesta época, o Papado é a grande luz da Igreja e da História. Desde Leão XIII (fim do século XIX) até João Paulo II (fim do século XX), podemos dizer que eles não são apenas a alma da Igreja, mas do mundo (ARNS, 1985, p. 119-120).

<sup>6</sup> Vejamos os escândalos financeiros internacionais envolvendo países da Europa (Grécia, Espanha, Portugal). Até pouco tempo atrás, essas nações eram politicamente intocáveis, detinham uma moral financeira irretocável. Agora, falidos, apoiam politicamente a concessão de um assento no Conselho de Segurança na ONU o Brasil nos pedindo dinheiro emprestado.

<sup>7</sup> Assim, as representações daquilo que havia para além das fronteiras insulares ou metropolitanas vieram, quase desde o princípio, a confirmar o poder europeu. Há aqui uma circularidade impressionante: *somos* dominantes porque temos o poder (industrial, tecnológico, militar, moral), e eles não, e por causa disso eles *não* são dominantes; eles são inferiores, nós superiores... e assim por diante. [...] O problema para o crítico cultural contemporâneo é junta-las [as representações] de maneira coerente. Certamente é verdade, como mostraram vários estudiosos, que uma consciência ativa do imperialismo, de uma missão imperial agressiva e imbuída de si mesma, não se torna inevitável (SAID, 1995, p. 150).

<sup>8</sup> As multinacionais, os *fastfoods*, as empresas virtuais e seus *sites* de relacionamento que estimulam práticas alienantes de convivência isolada (o que, por si só, é um contrassenso), são instituições muito boas para os países de onde elas vêm, uma vez que enriquecem seus proprietários e geram empregos por lá. Para nós, a médio e longo prazo, pode ser um desastre, pois deixaremos, respectivamente, de fortalecer nosso parque industrial, ficando sem competitividade, nos tornaremos uma nação de obesos, e uma comunidade de sedentários alienados, com as capacidades de redigir um texto à mão ou de interpretação dos fatos atrofiada.



estamos à margem de conseguir isso por meio da clonagem ou da inteligência artificial (RECUERO, 2009):

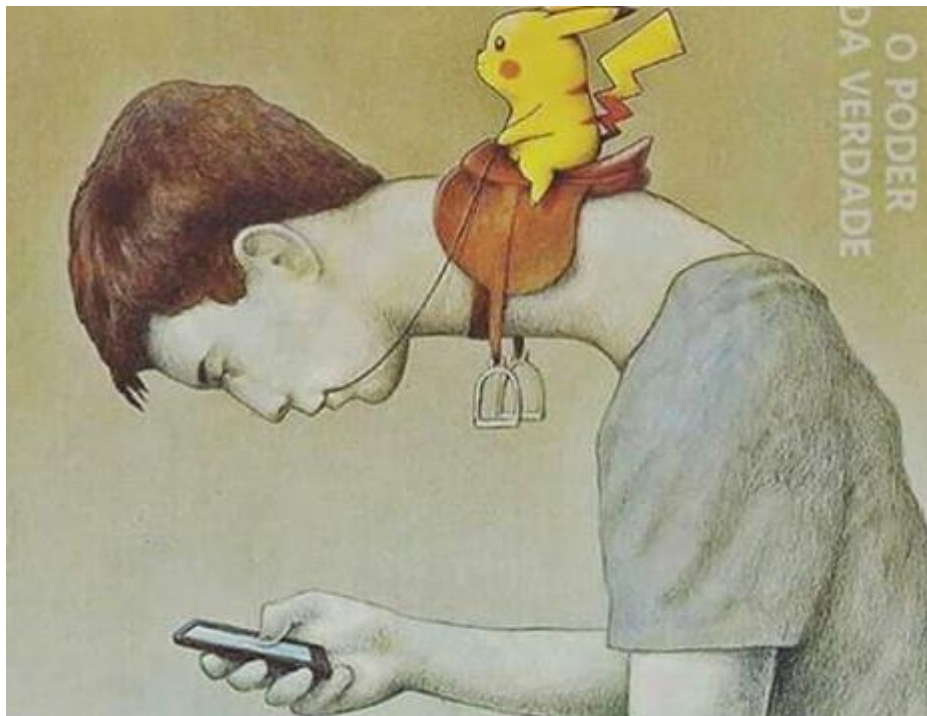


Imagem corrente na internet sobre vício em tecnologia

Disso, temos que, de um lado, a tecnologia é a esfinge devora este homem Édipo pelas arestas do tempo roubando-lhe a vida e, de outro lado, o torna um indivíduo eternamente insatisfeito, face à ininterrupta reificação de processos e valores que mal tem tempo para compreender (MORIN, 1972).

Digno de destaque é o fato de que o nosso modelo atual de realidade, o qual lançamos mão para entender os fenômenos do mundo, é hoje o que vemos na tela de nosso computador. A paisagem natural que sabemos reconhecer é a que aparece na proteção de tela à nossa frente quando ligamos uma dessas novas máquinas de viver. E a árvore que conversa com o ecólogo, nos termos ditos por Flusser (2007), caberia nesse Admirável Mundo Novo? Aldous Huxley, quando escreveu esse seu famoso texto, talvez não tivesse considerado a possibilidade das paisagens e das relações via computador.

Por isso, talvez, nos pareça hilário, e a Aldous talvez parecesse também, o fato de que nossas crianças devam pensar que o leite vem da caixinha longa vida vendida nos supermercados; contudo, é trágico, pois elas crescem e se transformam em adultos que imaginam que a natureza é aquela imagem colorida, em alta resolução, estampada no monitor de seus celulares ou PCs.

Para os indivíduos da Geração X, crescidos assim, cuidar do meio ambiente foi sinônimo de criar celulares e computadores energeticamente mais econômicos, portáteis e recicláveis.

Podemos dizer que na era do pós-humano, terreno de experiências das Gerações Y (nascidos entre 1980 e 1995) e Z, a tecnologia deseduca, vista sob o ponto de vista do modo como vem sendo utilizada. Ou seja, a tecnologia em si nem é boa, nem é ruim, nem pertence ou é produto específico de X (1960-1980), Y (1980-1995) ou Z (1995-2010). Contudo, o seu uso permite que os sujeitos todos, ao mesmo tempo em que não cuidam do mundo, inflem os lixões com rejeitos eletrônicos, desconheçam a natureza, e tampouco cuidem ou conheçam a si mesmos (não se movimentam esportivamente, não se relacionam com pessoas do mundo real, não constroem conhecimentos – os copiam na internet, afinal, são bem treinados para isso –, não se alimentam de modo saudável e ainda rejeitam veementemente os argumentos da experiência dos mais velhos).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A tecnologização da educação contribui para a aceleração de uma deseducação que vai de X a Z. E, se isto está errado, este texto é pouco ou ainda é cedo para dizer. Mas, é fato, que se “as pessoas vivem dentro de sua cultura, da forma como a percebem, e geralmente estão inconscientes das relações sociológicas que afetam e ajudam a determinar seu comportamento” (FELDMAN-BIANCO, 2010, p. 331). É sabido que o agente modificador de

comportamentos assim tão questionáveis parece ser muito mais o indivíduo (que parece cada vez mais alheio a essa necessidade – e já foi dito que ao povo deve ser dado o que o povo quer, e não o que ele precisa: se desejarem circo, dê-lhes a festa, se desejarem o pão, dê-lhes o pão) do que toda a crítica cultural que conseguimos fazer aqui. E olhem que a contundência metafórica aqui, faz com que o circo possa ser entendido como as redes sociais, e o pão, entendido como o salário que se possa receber pela mera execução de trabalhos tecnológicos repetitivos.

Falar desse modo, dizendo respeito a sujeitos esclarecidos, urbanizados, tecnologicamente adaptados, financeiramente engajados ao sistema, deveria ser mais fácil, mas não é.

Por outro lado, enquanto as imagens virtuais estão cada vez mais nítidas e mais leves para o tráfego de dados na web, exibidas a partir de aparelhos cada vez menores, energeticamente mais eficientes e ergonomicamente mais portáteis e fáceis ao uso, menos temos consciência do que elas podem fazer para melhorar ou facilitar a nossa vida.

Contraditoriamente, quase todos os processos de reciclagem implicam em gastos maiores do que o que teríamos que dispender se não fizéssemos o reuso dos recursos.

Embora reciclar um computador projete em nós o mesmo efeito psicológico como se estivéssemos numa marcha pública de militância sobre a sustentabilidade, os gastos com água e transporte para isso são assustadores:

Em resumo, os métodos escolhidos para avaliar o nível de alcance do desenvolvimento sustentável de determinada economia estão longe de serem neutros, e dependem muito da própria percepção do que exatamente implica a sustentabilidade para a manutenção do estoque dos recursos naturais. De modo a determinar o quanto de um dado ecossistema deve permanecer intacto para poder continuar mantendo suas funções físicas vitais à sobrevivência, como também o bem-estar econômico, modelos de interação entre a economia e o meio ambiente podem servir de indicativo (MAY, 2001, p. 245).

A crença reinante, contudo, é a de que, melhorando essas máquinas, estaremos cumprindo algum tipo de dever cívico ou cultural simbólico e melhoraremos as imagens de imitação de realidade (mas que para nós é a única realidade que reconhecemos como válida) que elas transmitem.

Isso não é uma ilusão de ótica, mas uma promessa de felicidade que herdamos da Era Moderna e que, além de não se cumprir, se configurou numa grande falácia a nós oferecida pelas grandes corporações como ideologia substituta aos nossos antigos modos de existir.

As teorias da pós-modernidade e as novas tecnologias surgidas concomitantes a ela também não resolveram as contradições históricas experienciadas pelos sujeitos X, Y, Z, aqui já expressas, e talvez as tenham até intensificado, uma vez que o seu discurso:

É um aparato que se apoia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/ históricas. Sua função estratégica predominante é a criação de um espaço para “povos sujeitos” através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/desprazer (BHABHA, 1998, p. 111).

O sentido prático de nossa breve abordagem, então, não está exatamente preso a uma realidade objetiva prevista pela teoria que explica a hegemonia desta ou daquela tecnologia, mas sobre a necessidade de se depreender a natureza do objeto tecnológico como reprodutor e dependente da natureza humana e das singularidades intercambiantes que se relacionam e se leem de maneiras distintas no processo de educação e de deseducação midiática.



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ARNS, Paulo Evaristo. *O que é Igreja*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.
- ALVES, Júlia Falivene. *A invasão Cultural Norte-Americana*. São Paulo: Moderna, 1988.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BROOK, Timothy. *The Confusions of Pleasure: Commerce and Culture in Ming China*. Berkeley: University of California Press, 1998, ISBN 0-520-22154-0.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos*. São Paulo: UNESP, 2010.
- FLUSSER, Vilém. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.
- GOSCIOLA, Vicente. *Roteiro para as novas mídias*. Do cinema às mídias interativas. São Paulo: SENAC, 2003.
- GOFFMAN, Ken et JOY, Dan. *Contracultura Através dos Tempos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Saberes Ambientais – desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. Massachusetts: MIT Press, 2001.
- MAY, Peter. Economia Ecológica e o Desenvolvimento Equitativo no Brasil. In: CAVALCANTI, Clóvis (org.). *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 235-255.
- MORIN, Edgar. *As Estrelas – Mito e Sedução no Cinema*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.
- RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RÜDIGER, Francisco. *Cibercultura e Pós-Humanismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo. Cia. das Letras, 1995.
- SAMUEL, Rogel. *Novo Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora visual verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- SODRÉ, Muniz. *A Máquina de Narciso – televisão, indivíduo e poder no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1990.
- VALGENBACH, Wilhelm. Conhecimento sobre Conhecimento. In: MARTINS, Rogério Parentoni, MARI, Hugo. *Universos do Conhecimento*. Belo Horizonte: FALE – UFMG, 2002, p. 41-65.
- WOLTON, Dominique. *Internet, e Depois?* Porto Alegre: Sulina, 2003.

## CONTRAPONTO DE PRODUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

[doi](https://doi.org/10.33726/amazonmpeakediachapter9781656124340v1a2020p20-27) 10.33726/amazonmpeakediachapter9781656124340v1a2020p20-27

PESSOA, Marcelo<sup>9</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

**RESUMO:** Este texto se volta ao cenário da produção e difusão do conhecimento científico, com o objetivo de oferecer elementos de estudos aos interessados em compreender as nuances socioculturais da ciência dentro e fora da era digital. Como método, empregamos a revisão bibliográfica. O principal resultado deste estudo, se mostra complementar à discussão realizada no capítulo “LITERACIA PARA UMA EDUCAÇÃO MÍDIÁTICA DE X A Z”, momento em que se acrescentam breves trechos de metalinguagem sobre o fazer científico contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção e Difusão do Conhecimento, estudos filosóficos intersemióticos, divulgação científica

**ABSTRACT:** This text turns to the scenario of the production and diffusion of scientific knowledge, aiming to offer elements of studies to those interested in understanding the sociocultural nuances of science inside and outside the digital age. As a method, we employed the literature review. The main result of this study is complementary to the discussion held in the chapter “LITERACY FOR A X TO Z MEDIA EDUCATION”, at which time brief sections of metalanguage on contemporary scientific practice are added.

**KEYWORDS:** Knowledge Production and Dissemination, intersemiotic philosophical studies, scientific dissemination

## INTRODUÇÃO

Um dos grandes gargalos acadêmicos contemporâneos tem sido o de equacionar a necessidade quantitativa com o viés qualitativo da produção científica universitária. Nesse sentido, podemos inferir que esta prática de

---

<sup>9</sup> Docente UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal. Departamento de Linguística, Letras, Comunicação e Artes – DLLCA.

ciência é estática do ponto de vista intelectual e estatizante do ponto de vista político, fatos que poderiam possibilitar a ocorrência de algum tipo de elitização do acesso aos conteúdos, resultando numa deficiência de aprendizagem e num processo de ensino sujeito a falhas durante a graduação e pós-graduação.

Este estudo enfatiza a filiação dessa preocupação com as origens do pensamento dialético de Hegel, donde entendemos que os livros *Para Entender o Pensamento de Hegel*, de Roger Garaudy, *Ontologia do Ser Social*, de György Lukács, e *Marx: A Teoria da Alienação* (MÉSZÁROS, 1981), reforçam a ideia sob de um signo da reapropriação do conhecimento e de singularização das categorias do pensamento dialético – mais notadamente, a categoria da **mediação** –, em função das necessidades das relações conflituosas entre o capital e o trabalho, entre o homem que produz ciência e o homem que dela usufrui.

Esse conflito social, e que, portanto, normalmente é externo à sala de aula, nela se materializa e se torna tensivo, externando-se no processo ensino/aprendizagem mediante a categoria da **negação**.

É interessante que se diga, também, que o aluno, principalmente o que frequenta o ensino superior, uma vez envolvido com as estruturas de produção de bens e serviços intelectuais, submete a maior parte do seu tempo às contingências das necessidades da economia, e se torna um aluno diferente do aluno que não tem a necessidade desse vínculo. Muitas vezes, esse aluno tem de dividir o seu dia em um longo turno de trabalho que é seguido por outro período de estudos nos bancos universitários.

Desse modo, o professor que se depara com um aluno, dessa maneira condicionado, necessariamente tem ou precisaria agir de forma a ser um diferencial na relação desse aluno com o conteúdo que se pretende por ele seja absorvido.

Fica evidenciado, que os procedimentos didáticos no ensino superior possibilitam, num primeiro momento, entender essas modalidades de

produção do conhecimento de maneira iguais ou parecidas e, por isso, controversas e até conservadoras, delimitando seu papel como modelo adequado para a reprodução do *status quo* educacional vigente.

No entanto, uma vez alvo de uma pesquisa voltada para se detectar e para entender os problemas e as particularidades adstritas ao universo da produção científica do ensino superior, a questão, antes restrita ao modelo vigente, passa a adquirir contornos mais individualizados e menos comprometidos com um padrão de educação que nos parece caminhar para a autodestruição, ao invés de marchar para a expansão e efetiva democratização de acesso ao sistema de ensino público e de qualidade.

É exatamente contra essa indefinição ou definições parciais sustentadas pela crítica educacional é que a nossa pesquisa se interpõe. Isso porque, em nossas universidades, existe um contingente de alunos *diferentes* (distribuídos nos períodos diurno e noturno) unidos por um elo de pensamento que tenta tratá-los como se fossem iguais (através de métodos homogêneos de aferição de competência, por exemplo) e, ainda assim, todos se formam e atuam num mercado de trabalho que lhes exige um perfil heterogêneo.

Busca-se, neste breve texto, contribuir com elementos que ajudem a retirar a postura da crítica educacional do lugar omissos em que se encontra, além de tentar preencher as lacunas dessa preocupação depreendidas a partir das leituras das obras citadas acima, alçando-a a um patamar de clareza necessária à compreensão e identificação dos elementos acadêmicos que lhes são próprios e que, também, são constituintes da particularidade da educação praticada na nação-Brasil.

Esta pesquisa reforça sua importância, além disso, por oferecer um recorte que ajudará a esclarecer aspectos fundamentais de uma cultura educacional brasileira que transita nos limites do erudito, do popular e do mediático, mas, que perde de vista, no entanto, a dimensão de seus principais agentes: aluno e professor.

Não obstante aos argumentos expostos, devemos dizer que se nos apresenta como parte de nossa hipótese de trabalho, que a formulação do pensamento dialético na educação não deve limitar a recuperar ou aplicar conceitos do pensamento de Hegel. Assumindo uma dimensão não só crítico-educacional, mas, intelectual de grande relevância, as obras citadas e os procedimentos dialéticos nelas delineados ajudam a revelar o sentido efetivo da prática educacional em toda a sua pujança social.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Garaudy (1983), ao negar certos elementos da existência e do mundo ao redor, tenta fazer prevalecer no entorno a sua própria opinião. Mas, o que seria essa atitude, então, senão a manifestação natural do desejo do homem de expor e impor à totalidade social a sua visão particular do mundo? No que isto seria distinto do que acontece com a produção científica no ensino superior, quando ela se sujeita ao jugo dos pareceristas? Isto é, a produção científica oriunda do ensino superior não estaria, ao seu turno, fazendo prevalecer a opinião particularizada de certos segmentos ou grupos, fazendo a opinião particular destes prevalecer sobre às dos demais, principalmente se levarmos em consideração que, com muita frequência, um Projeto ou um *paper* pode ser recusado por um duplo cego de revisores e, de outro lado, pode ser aclamado como excelente por outros avaliadores?

O indivíduo só **atingirá a felicidade** depois da trágica falência de todas as suas tentativas para realizar imediatamente esta unidade: desejo do prazer puro e simples, protesto do coração que quer impor ao mundo a sua lei, virtude revoltada contra o caminhar do mundo (GARAUDY, 1983, p. 70).

O que Garaudy denomina de felicidade é o resultado de um conjunto de práticas mais abrangentes que, em nosso contexto de preocupações aqui, pode ser entendida como “Carta de Aceite de Publicação”. Desse modo,

felicidade é um bem emocional ou social *a posteriori*, oriundo de um *a priori* ético que é a virtude: e, por sua vez, a virtude de Garaudy, aplicada em nosso tema, pode simplesmente se restringir ao QUALIS que pode ou não se impor aos nossos escritos.

Em termos do fazer acadêmico, o ensino de Graduação, a Extensão ou a Iniciação Científica seriam a premissa da condição apriorística, a partir da qual se poderiam preencher ou solucionar as lacunas sociais na posteridade (isto é, na divulgação dos resultados das pesquisas).

Diante disso, perguntamo-nos (e nesta pergunta nos colocamos frontalmente com as questões postas no início do projeto), nossa academia tem sido adequadamente virtuosa *a priori*, a ponto de ser capaz de oferecer ou de exigir alguma felicidade *a posteriori* para a sociedade que a financia?

Para a efetiva operação prática da atividade dialética na produção científica, seria necessário, enfim, que se considerasse o processo de ensino de produção científica como uma atividade intelectual de transformação das singularidades em partes irreconhecíveis pela totalidade do conhecimento.

Do mesmo modo que na indústria se transforma a matéria bruta em bem manufaturado e, olhando-se para o produto final não mais se reconhece nele a matéria-prima da qual foi feito, na IC se transformaria o aluno, por meio da relação intercambiante que os agentes envolvidos no processo socioeducativo têm com o conhecimento.

Assim, é na prática da produção e da difusão científica que o homem que **faz** Ciência transforma-se em homem que **pensa** a própria Ciência que realiza. O seu pensamento, assim, não mais poderia ter vínculo com a singularidade limitada que o atrelaria *ad aeternum* aos ditames dos órgãos de fomento, aos regulamentos estatais, mas, antes de tudo, se lhe seria proposto um estreitamento de vínculos com as relações ontológicas mediatas. Só assim, finalmente, é que se poderia dar-se a categoria da *negação* da maneira como nos explica, abaixo, Lukács:

Quando o que temos diante de nós são objetos e processos cujos tornar-se outro não subverte o modo fundamental de ser, parece-nos inteiramente incorreto operar no plano ontológico com a categoria de negação. Enquanto reflexo ideal, a negação permanece fora da espécie de ser desses objetos ontológicos, que é privada de sujeito (LUKÁCS, 1979, p. 48).

Sob o ponto de vista do papel do Estado ou das IES nas relações de produção e de difusão do conhecimento, cujo fundamento essencial toma assento nas questões sócio educacionais, Mézaros (1981), por sua vez, nos diz que fatos como estes apenas reiteram e reforçam os alicerces da luta que se opera diuturnamente no interior da sociedade de classes.

É desse modo, portanto, que práticas científicas que operam na esfera da exclusão (do modo como dissemos anteriormente) eventualmente podem oferecer mais contribuição para o desajuste social do que para o apaziguamento das assimetrias que, em tese, deveriam condenar (CADERNOS FUNDAP, 1990).

## PROPONDO ALTERNATIVAS

Um dos caminhos, pode ser a associação da produção do aluno à do professor, já desde à Graduação. Tal postura possibilitará a *negação* e a *mediação* do apriorismo originário, contribuindo para o desmonte deste sistema apriorístico consolidado de produção e de difusão do conhecimento universitário, claramente enviesado pela ampliação das assimetrias, as quais, paradoxalmente, deveria combater.

Os agentes do processo ensino/aprendizagem do fazer científico, assim, podem, eventualmente, se colocarem como entidades singulares autônomas, interdependentes, centrais e qualitativas de nosso estudo (por meio de planos de trabalho que realizem o levantamento de históricos de vida, que façam revisão de roteiros de avaliação de periódicos, ou que façam o



reconhecimento e a reestruturação de tabelas de pontuação de currículos docentes / discentes, por exemplo) (GRAMSCI, 1985).

E é assim, também, que as privatizações diretas e indiretas das universidades públicas, que as novas conjunturas políticas de 2019 têm sugerido, e que em última análise se buscaria compreender, podem ajudar a esclarecer os *porquês* da trajetória de degradação que contamina a produção e difusão da Ciência nas IES, cujas raízes remontam à história recente da educação praticada em todos os níveis no Brasil (KOWARICK, 1979).

Além disso, essa percepção é só uma derivação retórica de nossa parte, uma vez que alguns dos autores apontados nas Referências da proposta de estudo, não manifestam um direcionamento exato de seus discursos sobre a teoria da Educação (enquanto área do conhecimento), mas, sobre a dinâmica e a prática social das políticas gerais de gestão dos fenômenos socioculturais da urbe (dentro dos quais a Educação e ou suas práticas podem ser pinçadas como objetos de pesquisa).

## REFERÊNCIAS

CADERNOS FUNDAP. Infância, Adolescência e Pobreza. São Paulo, 10, n. 18, set. 1990.

GARAUDY, Roger. *Para Entender o Pensamento de Hegel*. Lisboa: Moraes Editores, 1983.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Porto Alegre: Círculo do Livro, 1985.

KOWARICK, Lúcio. *A Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LUKÁCS, Gyorgy. *Ontologia do Ser Social – a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MÉSZÁROS, I. *Marx: A Teoria da Alienação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.